

O AUTO DA BARCA DO INFERNO E O AUTO DA COMPADECIDA. UMA AUDIÇÃO TEOLÓGICA “VOCÊ NÃO ESTÁ NO INFERNO. AQUI PODE-SE BRINCAR”

Alexandre Córdova de Moura

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Lisboa, Portugal.
E-mail: alexandrecmoura@hotmail.com

Resumo: *O Auto da Barca do Inferno e O Auto da Compadecida são frutos de mentalidades e de sensibilidades profundamente cristãs; demonstram em seus textos, com refinadas doses de humor e sarcasmo, aspetos diversos como a preocupação com a vivência religiosa social, a hipocrisia, a visão do homem perante a vida e a morte... etc. Contudo apresentam outros aspetos preciosos como a visão popular da existência e das questões teológicas como: Deus, julgamento, fé obras, salvação e condenação, a moral, a condição frágil do homem, o Acusador, o Céu, Inferno e Purgatório... Ambas as obras são elementos sólidos para a sedimentação cultural do Evangelho. Estas também contribuem, com suas visões, ora convergentes, ora divergentes, para o crescimento e enriquecimento do imaginário popular em diversas direções e sentidos, preservando e protegendo, as suas identidades nacionais.*

Palavras-chave: *Análise literária. Teobiografia. Perscrutação teológica. Gil Vicente. Ariano Suassuna.*

Abstract: *The Auto da Barca do Inferno and the Auto da Compadecida are the fruit of deeply Christian mindsets and sensibilities; They demonstrate in their texts, with exquisite doses of humor and sarcasm, various aspects such as concern with social religious experience, hypocrisy, man's view*

of life and death, etc. However, they present other precious aspects, such as the common view of existence and theological questions: God, judgment, faith, deeds, salvation and damnation, morality, the fragile condition of man, the Accuser, Heaven, Hell, and Purgatory. Both books are solid elements for the cultural sedimentation of the Gospel. They also contribute, with their sometimes convergent, sometimes divergent views, to the growth and enrichment of the popular imagination in various directions and senses, preserving and protecting their national identities.

Keywords: *Literary analysis. Teobiography. Theological scrutiny. Gil Vicente. Ariano Suassuna.*

Resumen: *El Auto da Barca do Inferno y el Auto da Compadecida son fruto de mentalidades y de sensibilidades profundamente cristianas; demuestran en sus textos, con refinadas dosis de humor y sarcasmo, diversos aspectos tales como la preocupación con la vivencia religiosa social, la hipocresía, la visión del hombre frente a la vida y la muerte, etc. Todavía, presentan otros aspectos preciosos, como la visión popular de la existencia y de las cuestiones teológicas: Dios, juicio, fe, obras, salvación y condenación, la moral, la condición frágil del hombre, el Acusador, el Cielo, el Infierno y el Purgatorio.*

Ambas obras son elementos sólidos para la sedimentación cultural del Evangelio. Ellas también contribuyen, con sus visiones, a veces convergentes y en otras divergentes, para el crecimiento y el enriquecimiento del imaginario popular en diversas direcciones y sentidos, preservando y protegiendo sus identidades nacionales.

Palabras clave: Análisis literaria. Teobiografía. Perscrutación teológica. Gil Vicente. Ariano Suassuna.

Sommario: I libri *Auto da Barca do Inferno* e *Auto da Compadecida* sono frutti di mentalità e sensibilità profondamente cristiane; dimostrano nei loro testi, con raffinate dosi di umorismo e sarcasmo, vari aspetti come l'interesse per l'esperienza religiosa sociale, l'ipocrisia, la visione che ha l'uomo della vita e della morte, ecc. Tuttavia, presentano altri aspetti preziosi, come la visione popolare dell'esistenza e delle questioni teologiche: Dio, giudizio, fede, opere, salvezza e condanna, moralità, la fragile condizione dell'uomo, l'Accusatore, Cielo, Inferno e Purgatorio. Entrambe le opere sono elementi solidi per la sedimentazione culturale del Vangelo. Questi contribuiscono anche, con i loro punti di vista a volte convergenti, a volte divergenti, alla crescita e all'arricchimento dell'immaginazione popolare in diverse direzioni e significati,

perseverando e proteggendo le loro identità nazionali.

Parole chiave: Análisi letteraria. Teobiografia. Scrutatio teologica. Gil Vicente. Ariano Suassuna.

Résumé: Le *Auto da Barca do Inferno* et le *Auto da Compadecida* sont fruits des mentalités et des sensibilités profondément chrétiennes. Ils démontrent dans leurs textes, avec des doses raffinées d'humour et de sarcasme, divers aspects tels que le souci de l'expérience religieuse sociale, l'hypocrisie, la vision de l'homme face à la vie et la mort, etc. Cependant, ils présentent d'autres aspects précieux tels que la vision populaire de l'existence et des questions théologiques telles que: Dieu, le jugement, la foi, l'œuvres, la salvation et la damnation, la moralité, la condition fragile de l'homme, l'Accusateur, le Paradis, l'Enfer et le Purgatoire... Ces deux œuvres littéraires sont des éléments solides pour la sédimentation culturelle de l'Évangile. Celles-ci contribuent également, avec leurs points de vue parfois convergents, parfois divergents, à la croissance et à l'enrichissement de l'imagination populaire dans divers sens, préservant et protégeant leurs identités nationales.

Mots-clés: Analyse littéraire. Théobiographie. Poursuite théologique. Gil Vicente. Ariano Suassuna.

A teoliteratura, com todos os seus símbolos, imagens, indagações, com a sua leveza, facilidade de comunicação e de elevação do espírito, situa-se no âmbito da estética teológica, da via da beleza (*via pulchritudinis*) que conduz a Deus.

A teoliteratura, apesar de ser uma nova área de estudo da teologia, não é em si nova, foi uma grande formadora da cultura luso-brasileira, como exemplos podemos citar "*O Milagre de Ourique*", e a "*Carta de Descobrimiento do Brasil*", de Pero Vaz de Caminha. Em ambos documentos encontramos elementos mitológicos e identitários, que dentre eles estão

a fé, a transcendência e a providência, a amizade... que moldaram nosso imaginário popular. Fatos ou lendas, os documentos são verdadeiros em seu sentido mitológico, cultural e religioso.

Dessa forma a teoliteratura torna-se um valioso meio estético, uma *via pulchritudinis* da Nova Evangelização e da cultura *animi*, isto é, da elevação do ser do Homem. A teoliteratura é um instrumento não só útil, mas deveras indispensável, e nos tempos atuais, torna-se cada vez mais necessária. Determinados movimentos ideológicos¹ e correntes filosóficas² procuram resignificar ou ideologizar culturas, remoldando o imaginário popular. A cultura denominada “moderna” manifesta diversos sintomas do seu encerramento à Deus e à Transcendência.

A literatura, em todo o seu potencial estético e literário vem escasseando, a teologia, no que lhe toca, é cada vez mais necessária para novas questões, mas ao mesmo tempo é muitas vezes subestimada, pois esta tornou-se, na concepção de alguns pensadores, como fria, monótona e demasiadamente sistemática³. Hoje mais do que nunca ambas precisam estar unidas, pois a literatura apresenta ao leitor um elemento de identificação⁴, a teologia por sua vez destaca as realidades metafísicas e espirituais, ou seja, a literatura precisa da mensagem da teologia, e esta por sua vez necessita da dinâmica artística e estética da literatura. A teoliteratura une teologia e literatura como o corpo e a alma.

Quando se fala em literatura teológica, podemos pensar nos escritos de defesa ou exposição da fé ou ainda nos escritos de algum santo acerca da vida espiritual. Mesmo que não se possa dizer que estes exemplos não sejam literatura, geralmente não tem

¹ A *Hegemonia Cultural ou Revolução Cultural* de Antônio Gramsci, A *Teoria Crítica da Escola de Frankfurt*, a teoria do *Desconstrucionismo* de Jacques Derrida, A *New Left* de David Horowitz são exemplos mais conhecidos.

² Como o *Nihilismo* de Nietzsche e o *Positivismo* de Auguste Comte são os exemplos mais presentes na cultura luso-brasileira.

³ MATTEO, Armando. *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas, 2013, p. 61.

⁴ Cf. SEIXO, Maria Alzira. *Literatura, Significação e Ideologia*. Coleção práticas de leitura. Lisboa: Editora Arcádia, 1976. pp. 35-51.

um fim literário. O fim literário seria a disposição do escritor em produzir uma boa história, e nesse caso para ser boa precisaria ser bela. Quando o fim é apologético, a beleza no uso da língua ou a engenhosidade da história não é a meta do autor, mas sobretudo a condução à Verdade. Evidentemente ele pode usar técnicas literárias, pois é adequado que se empregue a beleza da língua ao serviço da Verdade⁵.

Aqui não se trata de uma literatura teológica mas sim uma teologia literária ou uma teoliteratura. A teologia pode tomar como exemplo a literatura, pois a sua sensibilidade e linguagem⁶ são genuínas ferramentas para compreender algo sobre a Fé e sobre o Homem. É importante salientar que ao falarmos da literatura, entendemo-la nos seus três gêneros: a poesia, o teatro e a narrativa.

Cristo ensinava através das parábolas e de suas imagens. As parábolas são na verdade teologias narrativas que, usando elementos do cotidiano dos ouvintes, empregam essa percepção para fazer entender alguma verdade mais profunda ou sutil; do contrário, o amor de Deus poderia ficar ininteligível. Ele não faz através de uma linguagem, explícita e descritiva, como quem cria um tratado ou dá uma série de leis. Ele conta histórias. E com Arte! Estamos aí diante do modelo acabado da teoliteratura. Uma literatura que, brote da verdade, transfigura o mundo na beleza e realiza o bem. De modo que se tornam visíveis à inteligência⁷.

⁵ Cf. AAVV. Congresso de literatura Católica. *Pequeno guia de introdução à literatura Católica*. E-Book disponível em <https://www.literaturacatolica.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

⁶ Que se distingue de outras ciências como a antropologia, sociologia, Estatística...

⁷ Cf. AAVV. Congresso de literatura Católica. *Pequeno guia de introdução à literatura Católica*. E-Book disponível em <https://www.literaturacatolica.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

Aqui situam-se "*O Auto da Barca do Inferno*", de Gil Vicente⁸ e a "*O Auto Compadecida*" de Ariano Suassuna⁹.

Esta audição teológica tem uma dupla área de atuação: está ao serviço da Nova Evangelização e da cultura em geral, mas de um modo especial da lusófona. Aqui quando falamos em cultura, abordamos a palavra na sua definição mais conhecida, isto é: "*Conjunto de valores e elementos que moldam o imaginário popular*".

Os AUTOS

O Auto da Barca do Inferno (1517) e *O Auto da Compadecida* (1955), são modelos de teoliteratura. Cada um destes Autos contém em si uma espiritualidade, uma forma de ver a vida, o seu sentido, a morte, a divindade... estes Autos se assemelham na espiritualidade crua e direta e ao mesmo tempo espontânea, cômica, íntima e inusitada. Expressam assim, apesar do distanciamento temporal de quase meio milênio, uma profunda semelhança na identidade cultural e nas suas peculiaridades.

Cada obra deve ser entendida também de acordo com a biografia humana e teológica dos autores, com o seu período histórico/social, com os seus aspectos literários, bem como vocabulário e elementos de suas gramáticas, e por fim se compreendera a teologia (ou visão teológica) nela apresentada.

Tais obras expandem os horizontes imaginativo, espiritual e da inteligência, que são na verdade três aspectos da mesma coisa. Os textos são, cada um do seu tempo, frutos da vivência cultural e popular, e representam a fé num contexto vital. Mas não podemos ignorar que ambos os autores procuraram, com boas doses de humor e sarcasmo, despertar nos seus leitores/espectadores indagações, sobre a vida e a morte com uma genialidade criativa.

Parece-nos que estas obras podem ser avizinhas em cinco pontos cruciais:

⁸ Cf. VICENTE, Gil. *Os Auto das Barcas*. Prefácio de Luiz Francisco Rabello. 4ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982.

⁹ Cf. SUASSUNA, Ariano. *O Auto da Compadecida*. Prefácio de Henrique Oscar. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

1. UMA ESPÉCIE DE SENSUS FIDEI PARTILHADO.

Em *O Auto da Barca do Inferno* e o *Auto da Compadecida* vislumbramos com muita clareza um *Sensus Fidei*, ou seja, um sentido [sobrenatural] da fé: “*Todos os fiéis participam na compreensão e na transmissão da verdade revelada. Todos receberam a unção do Espírito Santo que os instrui e os conduz “à verdade total” (Jo 16, 13)*”¹⁰. A fé suscitada pelo Espírito Santo e vivida por um povo, encontra uma sua manifestação no *sensus fidei*. Este sentido da fé pode ser enquadrado no contexto de representação popular dos autos tal como no-lo confirma são João Paulo II no documento de Puebla ao fazer menção da sabedoria popular católica:

*A sabedoria popular católica tem uma grande capacidade de síntese vital; engloba criativamente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto. Esta sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de toda a pessoa como filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a encontrar a natureza e a compreender o trabalho e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio a uma vida muito dura. Essa sabedoria é também para um povo um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja ao Evangelho e quando ele é esvaziado e asfixiado com outros interesses*¹¹.

Daqui se pode concluir que a maneira como as obras abordam os temas da fé não é herética, nem tão pouco desrespeitosa. É verdade que não há formalismos, nem tão pouco rigidez teológica, mas sim informalidade e poesia. Há um atrevimento estético que pode ser descrito como uma

¹⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 91.

¹¹ JOÃO PAULO II. “*Discurso Inaugural*”, III, 6-AAS, LXXI. Doc. de Puebla n.448, p. 152.

modalidade de profecia.

2. A NATUREZA PERFORMATIVA DA FÉ.

Tanto Gil Vicente como Ariano Suassuna basearam as suas propostas numa cosmovisão cristã e popular da realidade. A dimensão narrativa e performativa da fé, de que a Bíblia dá exemplo eloquente, mostra que ela se tece não de ideias ou de ferramentas conceituais, mas antes de tudo de história, de biografia, de figuras... A própria aproximação que podemos fazer entre teatro e liturgia cristã adensa ainda mais a certeza de que Vicente e Suassuna são não apenas comediógrafos, mas também como que teógrafos, pois eles encenam uma verdadeira escrita de Deus.

A tradição dos Autos sempre esteve ligada a uma propagação da consciência moral cristã mediante o teatro e a literatura. Os Autos serviam, em ambiente popular, de complemento a liturgia (teatro) ou a Sagrada Escritura (literatura) justamente pelo estilo, isto é, a facilidade de comunicação, que se distinguia do formalismo sistemático (e em latim) de sermões e obras teológicas. A respeito do estilo escreveu o padre Antonio Viera: “*Deve ser muito fácil e muito natural, muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem*”¹². Portanto, na visão de Viera, o estilo literário deve unir beleza e erudição. De fato Gil Vicente se destaca no *Auto da Barca do Inferno* não obstante a ideia original, mas pela união da beleza no uso da linguagem e com a sabedoria encontrada no Evangelho. Como por exemplo na fala do Fidalgo:

«Enquanto vivi não cuidei que o havia.

Tive que era fantasia;

folgava ser adorado,

confiei no meu estado

e não vi que me perdia» (v.115).

¹² ALVES, Gonçalo. *Obras completas do Padre António Vieira. Sermões. Serm. Da Sexagésima*. Tomo I. Porto: Editores, Lello e Irmão, 1959. p. 20

Ou ainda na fala do Anjo aos martirizados membros da Ordem de Cristo:

«Ó cavaleiros de Deos,
a vos estou esperando,
que morreste pelejando
por Cristo, Senhor dos céos!
Sois livre de todo o mal,
mártires da Madre Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal» (v.806).

Ariano Suassuna por sua vez, ainda que tenha seus méritos no quesito linguístico, tem a virtude da sua obra ressaltada na engenhosidade da história com a sabedoria da teologia. Como na fala do padre João, ao explicar para João Grilo que estão prestes a ser condenados:

«Em Deus não existe contradição entre a justiça e a misericórdia. Já fomos julgados pela justiça, a misericórdia dirá a mesma coisa» (p.166)

Tanto Gil Vicente como Ariano, sentem a inquietação de uma necessidade de uma experiência dinâmica da fé cristã, não somente no âmbito vivencial, mas também na sua transmissão.

3. TODA A VIDA SERÁ EXPOSTA AO JUÍZO DE DEUS.

Tanto Gil Vicente como Suassuna foram excepcionais retratistas da sua época, capazes de percorrer as diversas tipologias em que os comportamentos sociais e religiosos se organizam. A sátira foi para eles uma lente, que ajuda a ver em profundidade. Contudo, não é apenas uma desmontagem social que eles realizam, expondo a hipocrisia que se aninha nos tiques, nas pretensões e nas autorrepresentações propaladas pelas diversas classes. Ambos os comediógrafos sublinham intensamente que

toda a existência está destinada a expor-se ao olhar de Deus. Não é por acaso que a experiência da morte serve de mediador do espaço do juízo.

Neste apartado, os autores dispuseram magistralmente do "elemento de identificação" presente em todas as narrativas que tanto a literatura como o teatro possuem. Existem em ambas as obras um leque de personagens que tanto os leitores como os ouvintes podem se identificar. Os personagens de ambos Autos percorrem toda as camadas da sociedade. Com isso deixam a ideia de que pecado não tem classe: ricos, pobres, clérigos, loucos, judeus, cavaleiros, magistrados, desempregados, cangaceiros, casados, solteiros... Tanto o teatrista português como o brasileiro, não se contentaram com apresentar personagens das sociedades de suas épocas e lugares, mas foram mais fundo e apresentaram os pecados que também servem como elemento de identificação, porém, no plano da consciência.

Podemos encontrar a mesma pedagogia nas parábolas de Jesus no Evangelho: «*Um administrador*» (Lc 16,1-8); «*Um homem rico*» (Lc 16, 19-31); "Servos dos talentos" (Lc 19,11-27); "O fariseu e o publicano" (Lc 18,9-14); «*Um homem tinha dois filhos*» (Lc 15,11-32)... em cada uma dessas parábolas existem um elemento que confronta e provoca o leitor/ouvinte a se identificar. Assim podemos melhor notar a essência catequética das obras.

4. O BINÔMIO LOUCURA/SABEDORIA.

Outro tema de importante relevo teológico é o recurso à loucura como forma de sabedoria. Nos dois Autos o tema da loucura entende-se: Loucura humana = sabedoria divina em face a sabedoria puramente humana = loucura para Deus, isto é, intervenção diabólica.

João Grilo e o Parvo são os exemplos personificados da dita loucura sábia. Não usam sabedoria do conhecimento nem sequer a sabedoria da linguagem, muito pelo contrário, em alguns momentos não poupam o vocabulário baixo. Este tornar-se louco expressa também grande força, uma vez que tal loucura permite-lhes falar com intimidade com Deus. Tanto Gil

Vicente como Ariano perfuram dois níveis de loucura em suas obras: ser cristão no mundo pagão e ser cristão no mundo crente superficial, isto é, ser filho de Deus.

Os Autos transmitem a ideia de que a sabedoria cristã é loucura em todos os sentidos. Essa loucura manifestada na cruz é sinal da verdadeira sabedoria:

Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem. Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (1Cor1,21-25).

Tal loucura sábia é a mesma que o evangelho e a teologia paulina tanto exaltam: "Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1Cor 1,25). E o que seria esse "tornar-se louco" se não aceder a esse patamar de loucura que é a sabedoria da cruz. Este "tornar-se louco" concretiza o seguimento quenótico de Cristo e torna-se o âmago da vida cristã.

5. A FERRAMENTA DO HUMORÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA.

Este quarto ponto pode ser lido também à luz do terceiro. Esta é certamente uma das características mais cativantes das obras. Este elemento tem a aparente finalidade de divertir, mas vai muito mais longe. O humor abre espaço a uma reflexão sobre a existência, onde as máscaras, os filtros, os véus são desmontados. Cabe-lhe um papel purgativo de enorme eficácia. O humor perfura as aparências e recoloca cada personagem perante a nudez da sua vida, perante o juízo e perante a misericórdia de Deus. "*Ridendo castigat mores*" - rindo se castigam os costumes, diz o provérbio conhecido de Molière. Mas não só. Também se abrem vias para a revelação do divino.

Esse elemento do riso manifesta-se de um modo muito nítido na *Compadecida*. Jesus interrompe João Grilo na suas falas contra os outros personagens:

«Manuel:

-Deixe a acusação para o colega dele.

Sacristão:

-Colega?

Manuel:

-É brincadeira minha, mas, depois que João chamou minha atenção, notei que o diabo tem mesmo um jeito assim de sacristão.

Encourado:

-Protesto contra essas brincadeiras. Isso aqui é um lugar sério.

Manuel:

-Calma, rapaz, você não está no inferno. Lá, sim, é um lugar sério. Aqui pode-se brincar». (p.154)

Em outro momento, João Grilo pergunta a Maria se ela se sentiu ofendida com o seu poema e eis que Maria responde ao pobre poeta popular:

«Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o Diabo». (p.171)

Um leitor, crente ou não, depois de passar pelo julgamento dos personagens pode dar-se conta da forma cristã de ver a alegria e a tristeza. Tal sentimento deve ser vivido em sua justa proporção e deve ser transcendido em Deus, como a obra indica mais à frente na ressurreição de João Grilo. Ou seja, nesta obra não se apresenta uma alegria vazia e infantil. A esse respeito diz o livro de Neemias: «Não vos entristeçais nem choreis!» [...] Pois hoje é um dia consagrado a nosso Senhor! Não vos aflijais: a alegria de lahweh é a vossa fortaleza!» (Ne 8, 9-10).

Contudo, o argumento teológico mais importante apresentados nesses Autos é o da presença de Deus na história, como autor e personagem. Há certa altura, em a Arte do romance, Kundera recolhe um provérbio judeu que afirma: “*O homem pensa, Deus ri.*” E, a partir dele, ressalta: “*Agrada-me pensar que a arte do romance veio ao mundo como o eco do riso de Deus*”¹³. Não só o eco, mas a própria menção, como vemos na *Compadecida*, em que esse riso nos diz que não estamos no inferno, isto é, que aqui, diante dele, se pode brincar e ser feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV. Congresso de literatura Católica. *Pequeno guia de introdução à literatura Católica*. E-Book disponível em <https://www.literaturacatolica.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

ALVES, Gonçalo. *Obras completas do Padre António Vieira. Sermões. Serm. Da Sexagésima*. Tomo I. Porto: Editores, Lello e Irmão, 1959.

JOÃO PAULO II, Papa. “Discurso Inaugural”, III, 6 – AAS, LXXI. Doc. De Puebla n. 448.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2017.

¹³ KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2017. p. 181.

MATTEO, Armando. *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas, 2013.

SEIXO, Maria Alzira. *Literatura, Significação e Ideologia*. Coleção Práticas de Leitura. Lisboa: Editora Arcádia, 1976.

SUASSUNA, Ariano. *O Auto da Compadecida*. Prefácio de Henrique Oscar. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

VICENTE, Gil. *Os Auto das Barcas*. Prefácio de Luiz Francisco Rabello. 4ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982.